

A importância dos projectos artísticos no desenvolvimento pessoal e social

Mais do que um enunciado explicativo, tenho perguntas: existe uma gramática para compreender a importância dos projectos artísticos no desenvolvimento pessoal e social?

Como diz Noam Chomsky, a gramática é o modo de representação, por uma comunidade linguística homogénea, do conhecimento que tem da respectiva língua, como elemento de um sistema de estruturas cognitivas.¹

Chomsky defende que a gramática, enquanto teoria científica, aquilo que chama a “gramática do linguista” é, terá de ser, uma abstracção, diferentemente da gramática dos “falantes-ouvintes”, que é uma estrutura da mente.

Coloca-se aqui o problema paradoxal do Objecto e do Conhecimento. A questão é tão mais pertinente quanto os objectos sejam dificilmente definíveis. Assim, se é dado adquirido que “à medida que avançamos para além dos níveis superficiais de investigação em qualquer domínio, a idealização e a abstracção tornam-se de maior alcance e essenciais”², também é certo que o método científico, ou, os métodos científicos ditos modernos, com dificuldade representarão objectos como aquele que é o tema destas minhas palavras:

¹ Chomsky, Noam, in Enciclopédia Einaudi, volume 2, pág.12, INCM, Lisboa, 1984.

² Idem.

“A importância dos projectos artísticos no desenvolvimento pessoal e social”

Estas palavras são, desde logo, pressupostos:

1. Pressupõem que os projectos artísticos são importantes ou relativamente importantes;

2. Pressupõem que é possível definir “projectos “ como sendo “artísticos”, o que, por sua vez, pressupõe que as artes podem ser encaradas na categoria de “projecto” e que é possível definir “artes”;

3. Pressupõem que é possível definir um campo de “socialidade” no âmbito do humano;

4. Pressupõem que o humano, tomado como pessoa e o humano tomado como comunidade de pessoas podem ser objecto de “desenvolvimento”;

5. Finalmente, pressupõem que é possível o “desenvolvimento”.

Repare-se em como este conjunto de pressupostos é já por si um conjunto de preconceitos. Mas não há gramática nem linguagem, não há língua nem comunicação que sobreviva sem pressupostos, sem preconceitos.

Pois haverá pessoas e comunidades para as quais não há desenvolvimento, mas ciclos que se repetem; em que não haverá indivíduo e comunidade, mas um ser uno onde o indivíduo representa uma parte da

comunidade; em que não haverá “projectos”, mas sim determinações ou predestinações; em que não haverá artes, mas sim manifestações do sagrado e do profano que fazem parte dos ritos e rituais da comunidade.

Por isso, ao falar da importância dos projectos artísticos no desenvolvimento pessoal e social, falo com intuições e impressões, mais do que com certezas e afirmações.

Sendo este congresso focado nas crianças, fale-se então do humano enquanto infância.

Simplificando, na Europa, o destaque simbólico e prático da criança vai acontecendo a partir do século XVI. A criança vai tendendo a ser considerada indivíduo com necessidades autónomas, não só a nível físico, como no tratamento em ambiente familiar e social, de que a instauração nas escolas públicas obrigatórias é uma consequência.

Como se perceberá, o desadequado tratamento das crianças durante séculos teve um papel decisivo no correr da História. Os adultos que tivemos, foram esses, sem infância.

Entretanto, a crescente consciência do estatuto da criança, nomeadamente no século XIX e XX, tornou o nosso mundo, um mundo melhor?

Vivemos um tempo de grandes tensões. Mas nunca a Europa foi tão aberta e nunca tanta gente na Europa teve tantos acessos a oportunidades, tantos direitos pessoais e sociais reconhecidos. Apesar das grandes desigualdades sociais que vivemos, de injustiças e agressões, este tempo é um tempo de valor positivo em termos de comparação histórica.

A compreensão durante os séculos XIX e XX da especificidade da vida das crianças, permitiu o desenvolvimento de um conjunto de profissões, de estudos, de dispositivos, favoráveis ao estatuto da criança. E, desde os reducionismos freudianos, às categorizações de Piaget, das classificações de Spitz, às aproximações não lineares de Tronick, se tem percebido que não há uma ciência, um modo de abordagem, uma via única para intervir junto delas.

E, obviamente, sendo que as etapas da sua vida têm a sua diferença específica, ainda mais se complexifica a abordagem.

As crianças que foram, em termos de representação e tratamento, adultos em miniatura e depois, adultos em potência, são hoje reconhecidas com um estatuto autónomo. No quadro de um Humanismo contemporâneo, as crianças não são a preparação do adulto, são uma manifestação do modo humano. Por isso, as representações do mundo, a percepção da realidade, os comportamentos das crianças não podem ser só vistos como estados transitórios, que são, mas como realidades complexas que merecem o estatuto daquilo que chamaria “um momento do humano”. Às vezes, olhamos com deslumbre, ou impaciência, ou condescendência, ou paternalismo, o comportamento infantil. Porque não o fazemos também em relação ao comportamento adulto? Então os níveis de percepção da realidade, as atitudes, os comportamentos, não se vão também alternando durante a vida adulta?

Mas neste constante perguntar, chego à questão da importância dos projectos artísticos.

Não poderei desenvolver, aqui, agora, adequadamente, esta matéria. Peço-vos, pois, que consultem o texto que escrevi em conjunto com a Emília Nadal em 1998, intitulado “Educação Estética, Ensino Artístico e sua relevância na Educação e na interiorização dos Saberes”, que se encontra publicado enquanto Parecer do Conselho Nacional de Educação e também disponível no site desta instituição.

E peço-vos, também, que consultem o Relatório que coordenei em 2003, para os Ministérios da Educação e da Cultura, e que assume a forma de “Plano Nacional Educação e Cultura”, disponível na Biblioteca do site da Conferência Nacional de Educação Artística, que decorreu no passado mês de Outubro.

As Artes, enquanto manifestação humana, correspondem a um “ir sendo/ser/devir”, mais que a um instante. Quero dizer, desde o momento interior e privado da emoção/ ideia que orienta um processo criativo, desde o contexto onde esse processo se inicia (e note-se que esse início não é um instante, é um tempo), até à construção do objecto artístico (seja uma composição musical, uma pintura, uma escultura, uma instalação, uma fotografia digital), à sua comunicação, ao seu reconhecimento enquanto objecto artístico, à sua apreensão e interpretação por um sujeito ou grupo de sujeitos, é uma realidade múltipla, correspondendo a um holismo em movimento.

O estatuto social da arte mudou muito ao longo da História e muito mudou também o conceito de Arte. A transformação do conceito no século XX foi tão forte que levou à ideia de Arte enquanto exercício de liberdade e classificação individual, mais do que objecto de legitimação e processo académico. Uma transformação entusiasmante e perigosa, onde se tornou difícil a categorização, a valoração, a interpretação. Um perigo tornado

desafio e precursor da contemporânea necessidade de transformar os modelos educativos para um mundo novo, onde o exercício da percepção exige a cada um o poder de categorizar, valorizar, interpretar.

A arte é criação, a arte é manifestação, a arte é expressão.

A arte tem autor (se acreditarmos na figura da autoria), tem recepção (usando a dinâmica processual de Adorno).

Qual a importância da actividade artística na vida das crianças, individual e socialmente consideradas?

Vivemos numa sociedade dominada pelo exercício estético. Um exercício que ultrapassando a dicotomia platónica Belo/Feio e mais próxima da conceptualização crociana de “expressão conseguida”, procura no quotidiano, que tudo e cada coisa corresponda a “expressões conseguidas”. Existe vontade de aplicação estética no modo de vestir, de andar, de comer, na organização do espaço privado, do espaço público, nas trocas comerciais, nos processos de comunicação. A “esteticização” é um processo contemporâneo da globalização, da integração das economias, das comunidades multiculturais. A Estética passou hoje, a uma forma de Poder, a uma forma de leitura do Poder (como diz Rancière).

As Artes, que não devem confundir-se com a Estética, que, como dispositivo disciplinar, procurará interpretar, compreender, teorizar, questionar as Artes, correspondem, ou podem corresponder, a processos decisivos de sofisticação pessoal e social das crianças.

Defendi e defendo que os processos artísticos são elemento nuclear da educação infantil, da educação em geral.

A sua presença não deve ser só na escola. Também em casa, nos tempos livres. Mas de que presença falo? Trata-se de uma presença propositiva. Quero dizer, das artes como proposta de composição do humano.

Esta proposta visa promover o alargamento da paleta das emoções, a compreensão do vínculo entre pensar e sentir, a capacitação das competências criativas, a utilização dos recursos de memória para a construção do novo, a interpretação do Eu, do Outro, dos contextos com o poder de refinamento do Real e de qualificação do Sonho.

Esta proposição não significa o uso das artes como mais uma simples “muleta pedagógica”. Quero dizer: as Artes têm estatuto autónomo na relação com as pedagogias. Mesmo quando usadas, desde a primeira infância, como agente catalisador de competências, deve perceber-se que elas não são só um meio de expressão das crianças, uma forma de ocupação do seu tempo, um mecanismo de animação pacificador e positivo.

Não. As Artes obedecem a processos próprios, de acordo com o campo artístico que estiver em causa. Esses processos, de percepção de métodos, de dinâmicas criativas, de formulações materiais, de apresentação, têm autonomia e, mesmo nas actividades pedagógicas, devem defender essa autonomia, no método, no campo conceptual, na linguagem, no reconhecimento.

É este refinamento que permitirá que as competências adquiridas pela presença das artes junto das crianças sejam como as pedras nos charcos – criando ondas que se alargam a outras ondas (como nos ensina

Levinas). Os processos artísticos defendidos na sua autonomia de desenvolvimento, propiciam impactos significativos no crescimento intelectual e emocional, tanto de indivíduos como de grupos.

A interpretação desses impactos, a sua validação pedagógica, a sua articulação com projectos de desenvolvimento pessoal e social, são outras questões.

Finalmente, não significa este texto que o trabalho artístico com crianças seja no sentido de os fazer “artistas”. Significa, isso sim, que há que reconhecer uma dimensão, uma metodologia autónoma, para a actividade artística junto da infância e que muito ainda há para fazer na sua compreensão e validação, que não devem ser considerados uma mera ferramenta de ocupação no jardim de infância, mas um elemento poderoso de construção numa sociedade que precisa de pessoas livres, críticas e criativas.

Jorge Barreto Xavier

28.02.08